

“Um espaço divino onde os deuses e os anjos voam, com ou sem asas”

Modelo para templos cristãos e islâmicos, foi durante quase mil anos a maior catedral do mundo, construída num lugar onde a Europa e a Ásia se encontram. Na Hagia Sophia, a grande basílica-mesquita-museu de Istambul, misturam-se religiões, culturas, tempos. Perguntámos a dois historiadores o que faz dela um monumento único do ponto de vista artístico

Por Lucinda Canelas

Para quem nasceu num país europeu de tradição católica e se estreia a entrar na Hagia Sophia é natural que a primeira sensação a instalar-se seja a de uma certa estranheza, isto mesmo sabendo que naquele edifício milenar se misturam religiões e culturas.

O espaço é complexo, difícil de ler, e os estímulos visuais são tantos que é complicado orientar o olhar. E a escala, que já se adivinhava colossal a partir do exterior, mantém a capacidade de impressionar quando já se está lá dentro. A juntar a tudo isto há colunas e capitéis de pedra que evocam na memória a antiguidade clássica, inscrições em caracteres árabes, mosaicos dourados e pinturas com representações de Cristo ou da Virgem Maria, um mirabe e um imponente *mimbar* quando, numa basílica cristã, esperaríamos ver um altar e um púlpito.

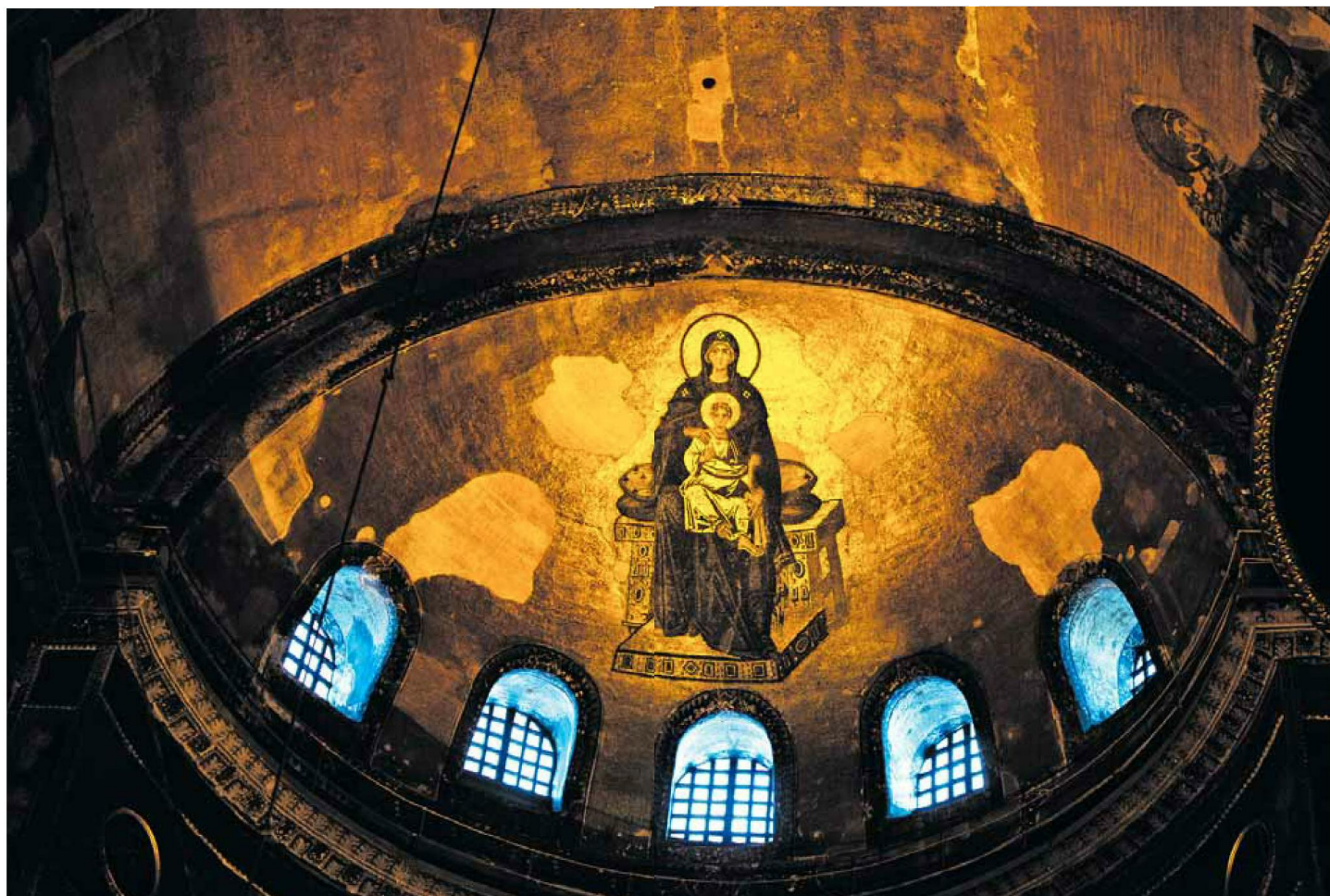
Não há nada de comum na Hagia Sophia, a grande basílica-mesquita de Istambul, e, por isso, qualquer estranheza é natural.

Construída no século VI por ordem do imperador bizantino Justiniano I, que se terá envolvido pessoalmente no projecto, escolhendo os mais nobres materiais oriundos de vários pontos dos seus territórios, a Hagia

Sophia é hoje o testemunho mais singular de uma forma de pensar a cristandade e de conceber o mundo, mais tarde apropriada pelo islão, diz o historiador Cláudio Torres, que tem dedicado boa parte da sua já longa carreira ao estudo do período medieval, em particular o islâmico, e aos vestígios que deixou em território português.

Edificada em tempo-recorde (532-537), a Santa Sofia – sendo dedicada à segunda pessoa da santíssima trindade, Jesus – foi durante quase mil anos a maior das catedrais, com a sua gigantesca cúpula a mais de 50 metros do chão, até que a de Sevilha a destronou. Em 1453, quando Constantinopla (actual Istambul) foi conquistada pelos otomanos viu-se transformada em mesquita e assim permaneceu até que em 1931, Kamal Atatürk, fundador da República da Turquia, no âmbito do seu projecto de secularização do Estado, a converteu em museu, que abria as portas em 1935, tendo já visível parte das suas pinturas e mosaicos cristãos que durante 500 anos tinham sido cobertos para que o espaço se adaptasse ao culto muçulmano, que não admite imagens.

“A Hagia Sophia nunca foi só um espaço sagrado. Primeiro, foi símbolo do poder da



cristandade, depois representou o do islão e mais tarde o da república que se queria laica. Foi sempre instrumentalizada em termos políticos, ideológicos, e continua a sê-lo com este projecto do Presidente turco [a 10 de Julho Recep Tayyip Erdogan anunciou que ia devolver o monumento à sua condição de mesquita]. Isto é muito comum com as peças-chave do património em todo o mundo, mas traz riscos muito sérios”, diz o historiador de arte Paulo Pereira, lembrando outros “actos de retaliação” que visaram um passado que incomodava no presente, como a destruição dos budas de Bamiyan pelos taliban em 2001 ou, mais recentemente, os ataques do Daesh em Palmira, uma das principais cidades históricas do Médio Oriente.

Património mundial desde 1985, a Hagia Sophia faz parte da lista de bens que a UNESCO considera de “extraordinário valor universal”. De acordo com a nota técnica disponível no site deste braço cultural → da Organização das Nações Unidas, é uma das jóias que integram a área histórica de Istambul classificada pela sua “integração

única de obras-primas da arquitectura que reflectem o encontro da Europa e da Ásia ao longo de muitos séculos”, dando origem a um “horizonte incomparável formado pelo génio criativo de bizantinos e otomanos”.

Um lugar que não se esquece

Para Cláudio Torres, é simplesmente de uma beleza e monumentalidade sem paralelo: “É o mais belo edifício construído pelo homem. Para muitos, isto pode parecer um exagero, mas a sua cúpula, as abóbadas e semiabóbadas sobrepostas, os seus frescos e mosaicos de uma qualidade excepcional, muito frágeis, os elementos arquitectónicos riquíssimos e diversos fazem dele um lugar que não se esquece”, diz este historiador que é também director do Campo Arqueológico de Mértola.

Fica na memória, sublinha, também pelos efeitos que nela tem a luz que a inunda e que faz vibrar as superfícies douradas ou as colunas avermelhadas, e pelo ambiente sonoro que envolve quem nela entra. “Ali trabalharam artistas notáveis ao longo de séculos. Se vai deixar de ser museu para passar a ser

mesquita, pouco importa, desde que se respeite o seu património de cariz universal. Podia ser uma igreja, uma sinagoga... Desde que se entenda que não há outro monstro construído pelo homem como este. Com o seu som quase musical, a luz quente... A Santa Sofia é um espaço divino que fica connosco e onde os deuses todos e os anjos voam, com ou sem asas."

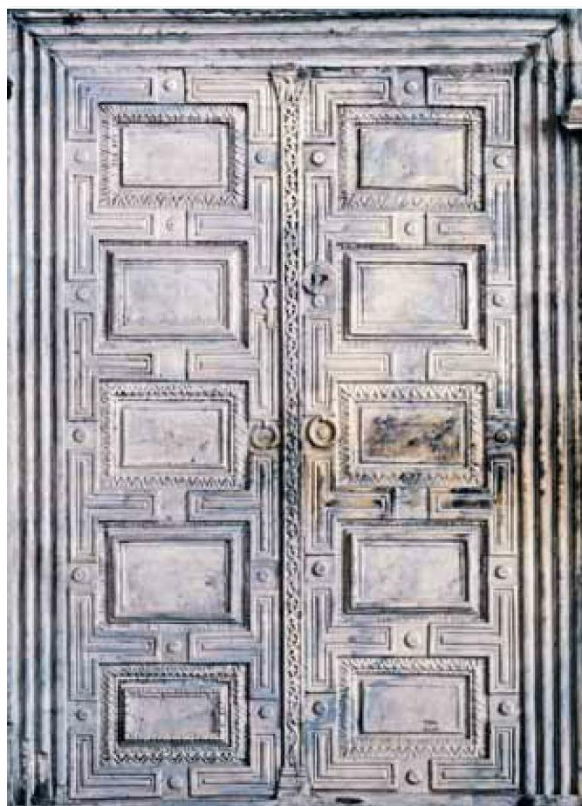
Um certo *frisson*

Pioneira em diversas soluções de engenharia – desde logo para a criação da sua grande cúpula, cuja primeira versão ruiu, sendo a actual de 562 – a Hagia Sophia serviu de modelo a inúmeras basílicas, primeiro, e mesquitas, depois.

É uma catedral de planta centrada, ao con-

trário das que temos no Ocidente, embora aquilo a que chamamos nave não o seja, explica o historiador de arte Paulo Pereira. "A sua nave é um rectângulo que no centro tem definido um quadrado de onde partem os esteios que suportam aquela abóboda fantástica que, de tão pesada, mal acabou de ser construída começou a deformar as colunas que a sustentam. São colunas de uma dimensão impressionante e o interior tem um espaço aberto que mexe connosco", diz este professor da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, defendendo que a sua estrutura é "relativamente límpida", embora lá dentro pareça labiríntica e não seja fácil escolher por onde andar.





Cinco anos e dez meses

Ao lado, imponentes portas de mármore na Hagia Sophia, basílica cuja construção mobilizou 10 mil trabalhadores, que utilizaram materiais vindos de todo o Império Bizantino, dos mármore de Itália às colunas de um templo de Éfeso. Foi concluída num tempo-recorde de cinco anos e dez meses. Em baixo, à esquerda, mosaico de Cristo entronizado, obra da última fase da arte bizantina em Constantinopla; à direita, representação de Nossa Senhora com o Menino. Oração muçulmana na Hagia Sophia num postal colorido à mão do início do século XX

A diversidade dos materiais usados, quer na estrutura, quer no património integrado, ditam a complexidade da sua leitura e tornam evidente as diferentes camadas de religiões, culturas, artes, e tempos que nela coabitam. “Os revestimentos de mármore raiados; os capitéis das colunas muito trabalhados, delicadíssimos; o mimbar [o equivalente a um púlpito numa mesquita] impressionante, com aquela escadaria; a fonte [para as abluções rituais] absolutamente espectacular à entrada... Tudo isto e ainda nem sequer falámos dos mosaicos dos séculos VI-VII, ainda paleocristãos, na sua maioria com representações da Virgem e de Cristo... É um monumento universal, com uma estrutura arquitectónica excepcional e com um património artístico também excepcional, que vai do cristianismo mais puro e primitivo ao islão, passando pelo cristianismo ortodoxo.”

São precisamente as pinturas e os mosaicos com a Virgem, Jesus e diversos santos que preocupam agora os especialistas em património, já que o islão não admite representações da figura humana nos seus locais de culto (recorde-se que no passado foram cobertos com materiais que viriam a danificá-los).

O executivo de Ancara, através do seu porta-voz, já garantiu que “Santa Sofia, com todas as suas pinturas, mosaicos, ícones e obras de arte estará aberta a todo o mun-

do”, obedecendo a um programa de reconversão em mesquita que levará seis meses a concluir e que ainda não foi apresentado publicamente. Os jornais locais, citados na passada semana pelo diário espanhol *El País*, falam em cortinas e sistemas de iluminação para as ocultar durante os períodos de oração.

Marco na representação da imagem sagrada nos primeiros tempos da monumentalização dos edifícios cristãos, Hagia Sophia, enquanto basílica, distingue-se de todas as do Ocidente, sublinha Cláudio Torres. Refletindo uma visão muito particular do cristianismo, virá, depois, a condicionar toda a arte do Mediterrâneo oriental. “O cristianismo do Ocidente é dominado pelo feudalismo, pela hierarquização, ao passo que o do Oriente assenta numa visão mais centralizadora. Um homem pode sentir-se mesmo no centro do mundo quando está no centro daquela basílica.” E isso, acrescenta o historiador de arquitectura Paulo Pereira, pode ser uma experiência intensa: “Como S. Pedro de Roma, também a Hagia Sophia é, no sentido imaginário, uma réplica de Jerusalém. Quando estamos lá dentro, sente-se um certo *frisson* ao pensar que, há 1500 anos, a maior catedral cristã do mundo era naquela parte do mundo.”

lcanelas@publico.pt